

PROTAGONISMO JUVENIL E PEDAGOGIA SOCIAL - UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM OS ODS NO PROGRAMA VIRAVIDA /RJ

Luana Almeida de Carvalho Fernandes¹

Ian José Marinho Dias²

Diego da Silva Santos³

Adriana Frossard Borges⁴

Celso de Souza Cunha⁵

Ana Carla da Costa Alcântara⁶

RESUMO

Neste artigo apresentamos práticas em Pedagogia Social protagonizadas pelos jovens do Programa ViraVida, com base nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Dessa maneira evidenciamos a necessidade de uma educação emancipatória comprometida com a realidade dos territórios onde vivem e que promova autonomia, exercício ativo da cidadania e possibilidades de redução das desigualdades.

Palavras-chave: Protagonismo juvenil; Pedagogia Social; Cidadania; ODS, Educação.

¹ Psicóloga, especialista em Responsabilidade Social e Gestão de Projetos Sociais, mestra em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: luanaacfernandes@gmail.com.

² Assistente Social, especialista em Roda de Terapia Comunitária. E-mail: ianzzy83@gmail.com.br.

³ Psicólogo, Especialista em Gênero e Sexualidade; Pós Graduado em Teoria Psicanalítica; Mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos pelo NEPP/DH-UFRJ. E-mail: diesantos.psicologia@gmail.com.

⁴ Pedagoga, Psicopedagoga, especialista em Administração e Planejamento da Educação, Gestão de Pessoas e Recursos Humanos, Mestranda em Políticas Públicas em Direitos Humanos pelo NEPP/DH - UFRJ Professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Pedagogia Social para o século XXI - FEUFF (UFF). E-mail: adrianafrossardborges@gmail.com.

⁵ Neuropsicopedagogo, Psicanalista, Hipnoterapeuta, Arteterapeuta e Arte-Educador. Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia (UCES). E-mail: psicanalistacelso@gmail.com.

⁶ Assistente Social, Especialista em Gestão, com MBA em Gestão Empreendedora pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Gestora Operacional do Sesi e Senai Firjan. Email: aalcantara@firjan.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de analisar como uma educação emancipatória pode ser uma ferramenta necessária para a formação da cidadania. Para tanto, apresentamos um projeto realizado no Programa ViraVida, com base nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU⁷, que alinhado a práticas em Pedagogia Social e Protagonismo juvenil – com jovens moradores de favelas – desenvolveu uma educação comprometida com a realidade dos territórios nos quais nosso público vive.

Em 2019, o Programa VIRAVIDA aceitou o desafio de incorporar em sua matriz de atividades uma discussão sobre os ODSs, que culminou em 10 projetos de grande relevância criados pelos jovens participantes. Temas nas áreas de violência de gênero, reciclagem, cultura de paz, entre outros puderam ser apresentados e discutidos coletivamente, a partir de ações de intervenção pensadas para a realidade de seus territórios, como apresentaremos mais adiante neste artigo.

As ações empreendidas pelos alunos por meio de tal atividade apresentaram soluções e ideias para a redução das desigualdades sociais, busca da equidade e de empreendedorismo social. Isso evidenciou como nosso público pôde construir uma visão sobre si mesmos enquanto agentes de mudança social, elaborando atitudes atreladas a uma cidadania que vai para além das ideias usualmente comungadas sobre o que é ser cidadão: falamos aqui de promover uma cidadania ativa.

A cidadania é um dos fundamentos de nossa República e sua base é o que constitui a noção de direitos: Direitos políticos, civis, sociais e direitos humanos de um indivíduo na sociedade. Aqueles elencados no art. 5º e em seus dispositivos e no art. 6º da Constituição Federal (1988) que dispõe:

“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Ser cidadão com pleno exercício de cidadania é tomar consciência não só de direitos como de seus deveres, mas estar consciente das responsabilidades

⁷ A ONU é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais, sendo fundada em outubro de 1945, logo após o fim da 2ª Segunda Guerra Mundial, contando inicialmente com 51 Estados-Membros; hoje são 193. Os ODS serão explicados nas próximas seções do texto.

enquanto componente da coletividade e de sua implicação da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A diferença entre Cidadania ativa e passiva reside na participação social: cidadão ativo está integrado, comprometido e envolvido em todos os assuntos da comunidade em que vive; cidadão passivo assume um comportamento neutro, omissivo, individualista, reagindo apenas quando algo o afeta diretamente ou atenta contra seus direitos particulares. A cidadania passiva se caracteriza ainda pela ausência de contestação, quando não há participação efetiva nos encaminhamentos das questões públicas.

Uma educação plena é responsável direta no processo de formação cidadã e no fortalecimento da democracia, o que implica sempre no respeito à diversidade cultural e à dignidade do ser humano, se articulando à promoção dos direitos humanos. Entendemos a educação como a vertente por excelência de uma formação cidadã capaz de enfrentar problemas sociais seculares em nosso país, bem como promover a evolução a uma sociedade participativa, ativa e consciente de seus direitos e deveres (SILVA e TAVARES, 2011).

Os efeitos e mecanismos da exclusão têm causado danos irreversíveis em vários âmbitos da vida das populações empobrecidas e miseráveis. No âmbito pessoal, sente-se cada vez mais a perda da autoestima e da própria identidade dos cidadãos, que, sendo excluídos, não se sentem parte ou em relação com o outro. (GRACIANI, 2014, p.109).

Diante do cenário de exclusão e de vulnerabilidades sociais que os jovens moradores de favelas cariocas enfrentam diariamente, realizar esse projeto foi um desafio, uma vez que a própria noção de cidadania está em disputa frente aos desrespeitos que ocorrem que ocorrem no território.

1.1 O que é o Programa ViraVida?

O ViraVida surgiu em 2008 como um projeto de educação profissional e inserção produtiva de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, à época priorizando público em situação de Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA), mas desde 2015 tendo ampliado seu escopo de atendimento para vulnerabilidades sociais múltiplas. Um dos principais pilares do programa sempre foi a formação de uma rede de parceiros, somando à política pública de rede de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes.

No Distrito Federal, desde 31 de Outubro de 2013 o governo adotou o programa ViraVida como uma política pública para jovens vítimas de violência sexual, por meio de decreto do governador Agnelo Queiroz (BRASIL, 2013).

No Rio de Janeiro, o ViraVida possui parceria com os projetos de Justiça Itinerante e Termo de parceria e cooperação com a Defensoria Pública do Rio de Janeiro, com o Ministério do Trabalho e com a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) da Prefeitura do Rio, também fazendo parte dos fóruns Estaduais de Aprendizagem Profissional (FEAP), de Proteção ao Trabalho Infantil (FEPETI) e compondo o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) enquanto Instituição representante da sociedade Civil e também busca se legitimar como uma política pública para a juventude.

Vale ressaltar ainda, que em 2019, o Programa ViraVida do Rio de Janeiro, foi premiado no edital “Fazedores do Bem + Active Citizens”, do Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável - CIEDS e do British Council, que somaram forças para fomentar e premiar ações sociais positivas de organizações, coletivos e indivíduos que fazem a diferença localmente com atividades diversas de mobilização e desenvolvimento comunitário no Rio e Grande Rio. Dada a sua completude e potencial, a tecnologia do Programa ViraVida foi exportada para outros países, como El Salvador, onde também se consolidou como política pública.

O principal objetivo do programa é a inclusão sócioprodutiva de adolescentes e jovens entre 15 e 22 anos, em situações de vulnerabilidade social, promovendo a geração de emprego, melhoria da renda pessoal e familiar e fortalecendo os aspectos psicossociais: autoestima, vínculos familiares e comunitários.

O Programa ViraVida atende jovens entre 15 e 22 anos, em situação de vulnerabilidade social. Um dos diferenciais do programa é o desenvolvimento humano de seus participantes, visto que alguns projetos voltados para o público jovem têm como foco a profissionalização e inserção no mercado de trabalho. O ViraVida visa desenvolver o jovem a partir do paradigma de integralidade, na qual inclui aspectos psicossociais: autoestima, saúde mental, vínculos familiares e comunitários, estímulo ao desenvolvimento contínuo dos projetos de vida, além da inclusão sócio produtiva, a geração de emprego e melhoria da renda pessoal e familiar.

A proposta socioeducativa foi pensada e construída para atender essa juventude integralmente e promover os passos necessários à sua autonomia e sua inserção social, política e produtiva. Para complemento do aprendizado escolar, ofertam-se aulas de português, matemática e cidadania e o retorno à escola formal é incentivado. Além disso, são realizadas oficinas sobre trabalho, mundo do trabalho e orientação profissional, oficinas de desenvolvimento psicossocial, vivências de resgate de autoestima⁸ e Rodas de Terapia Comunitária-Integrativa⁹ com uma equipe técnica multiprofissional formada por profissionais da Pedagogia, Psicologia e Serviço Social.

Segundo Paulo Freire (1996), o educador democrático não pode deixar de reforçar, em sua prática docente, a capacidade crítica do educando, a sua curiosidade, e até sua insubmissão. Para o autor, neste sentido, o ensinar não pode se esgotar em trabalhar o objeto ou o conteúdo superficialmente, ou seja, passar um conteúdo de forma bancária, mas deve proporcionar a produção das condições em que aprender criticamente é possível. Essas condições implicam e exigem a presença tanto de educadores quanto de educandos que sejam “criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, P.26). Nas condições do que Freire chama de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em sujeitos reais da construção e da reconstrução

⁸ São vivências terapêuticas que tem como marco teórico-filosófico que as orienta o conceito de “Cuidando do Cuidador” – técnicas de resgate da autoestima vivenciais que trabalham com o corpo e o movimento/meditação, ancoradas principalmente na compreensão sistêmica do mundo e da vida do ser humano; na Pedagogia Freiriana, na Antropologia Cultural, entre outros recursos pedagógicos. A autoestima é encarada como a chave de nossa felicidade ou infelicidade, que pode encorajar ou desencorajar nossos sentimentos ou pensamentos, encarando o maior patrimônio de uma pessoa como a confiança em si. O criador do método de trabalho, Dr. Adalberto Barreto (2014) diz que com a perda da confiança em si, se perde a confiança no outro e no futuro. Para resgatar esses afetos, são realizados oito dinâmicas de autoconhecimento (meditação ativa), que permitem identificar o potencial da pessoa e sua cultura para a descoberta de si e ressignificar sua vida, dando início a uma nova forma de se ver.

⁹ Metodologia de trabalho terapêutico também criado pelo psiquiatra Adalberto Barreto, a partir de referenciais da psicanálise, da bioenergética e da pedagogia Freiriana (BARRETO, 2008). “A Terapia Comunitária Integrativa é um instrumento que nos permite construir redes sociais solidárias de promoção da vida e mobilizar os recursos e as competências dos indivíduos, das famílias e das comunidades. Procura suscitar a dimensão terapêutica do próprio grupo valorizando a herança cultural dos nossos antepassados indígenas, africanos, europeus e orientais, bem como o saber produzido pela experiência de vida de cada um. Enquanto muitos modelos centram suas atenções na patologia, nas relações individuais, privadas, a Terapia Comunitária Integrativa se propõe cuidar da saúde comunitária em muitos espaços, principalmente os espaços públicos. Propõe-se a valorizar a prevenção. Prevenir é, sobretudo, estimular o grupo a usar sua criatividade e construir seu presente e seu futuro a partir de seus próprios recursos”. Fonte: <<http://consciencia.net/adalberto-barreto-terapia-comunitaria-integrativa/>>. Acesso em: 27/05/2020.

do saber, lado a lado com o educador, também um sujeito desse processo. É essa visão de educação que a equipe técnica do ViraVida, no qual fazemos parte, compartilha.

Freire (1996) postula que a escola deve respeitar os saberes construídos socialmente pelos seus alunos na prática comunitária. O ViraVida sendo um programa na área da educação, visa auxiliar no desenvolvimento de sujeitos autônomos e críticos. Portanto, tem como prática discutir os problemas vividos por seus participantes.

Um dos objetivos do programa é discutir criticamente as implicações políticas relacionadas às ações governamentais voltadas para a construção e desenvolvimento das políticas públicas para a juventude (SANTOS et al, 2012; MESQUITA, 2016; SANTOS, 2019) no cotidiano dos jovens do programa, a maioria moradores de favelas, no que toca ao acesso a direitos básicos como, por exemplo, segurança e educação.

1.2 O que são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e por que precisamos falar sobre eles?

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODSs) representam os principais pontos a serem melhorados globalmente até 2030. Nesta direção, a ONU lançou uma plataforma online, denominada, Agenda 2030, composta por composta por 17 objetivos, 169 metas e 231 indicadores, servindo como base de pauta para discussões sobre a preservação do meio ambiente, geração de resultados econômicos satisfatórios e equidade social.

As discussões realizadas para formulação dos ODSs não são recentes, historicamente tiveram início na década de 80, através de debates em nível global sobre sustentabilidade, liderados pela ONU que também somou esforços para outros desafios, como a preocupação com questões econômicas, humanitárias e sociais.

A origem dos ODSs remonta a Eco-92¹⁰, onde os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - ODM foram formulados, resultando num compromisso das nações integrantes com ações e políticas para a redução da extrema pobreza no

¹⁰ Também conhecida como Rio-92 ou Cúpula da Terra, a Eco-92 foi uma conferência das Nações Unidas realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992, onde a pauta principal foram temas relacionados ao meio ambiente.

mundo, por meio de oito objetivos¹¹ e numa perspectiva de que estes fossem alcançados até o ano de 2015.

Em 2012, vinte anos após o Eco-92, novamente na cidade do Rio de Janeiro, as 193 nações voltaram a se reunir, dessa vez na Conferência que ficou conhecida como a Rio+20, com o intuito de avaliar os progressos e resultados obtidos a partir dos objetivos pactuados, ampliando ainda mais o foco das discussões.

Os indicadores levantados nessa conferência possibilitaram a reformulação dos objetivos, a partir de ações mais coerentes e focadas no desenvolvimento sustentável, extrapolando o caráter exclusivamente tecnicista dos ODMs e contou com a participação dos mais diversos atores sociais: lideranças mundiais, sociedade civil, comunidade científica e membros das Nações Unidas a fim de que experiências particulares pudessem ser compartilhadas, discutidas e aperfeiçoadas.

Os ODSs podem ser considerados um marco no que se refere à participação social, pois fomenta a implicação e participação de vários atores da sociedade no processo de planejamento e tomada de decisões. Diante desta perspectiva, discutir os ODSs com os jovens significou uma ação política e de inclusão social, no que toca a discussões coletivas acerca das problemáticas mundiais e seus reflexos locais. Contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma cidadania ativa, inspirando e engajando os participantes do ViraVida na elaboração de futuros projetos que nasceriam desse processo.

No Programa ViraVida, acreditamos na capacidade do jovem na produção de conhecimento e valorizamos o seu ponto de vista sobre o seu território, sua criatividade e sua potencial de inovação para propor práticas solidárias de objetivos comuns, alinhadas com os pilares essenciais dos ODSs, como, as pessoas, a paz, as parcerias, a prosperidade e o planeta.

¹¹ Erradicar a pobreza extrema e a fome; 2. Alcançar o ensino primário universal; 3. Promover à igualdade de gênero e empoderar as mulheres; 4.Reduzir a mortalidade infantil; 5.Melhorar a saúde materna; 6.Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; 7.Garantir a sustentabilidade ambiental; 8.Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento.



2. METODOLOGIA

O programa ViraVida tem seus valores e metodologia¹³ próprias, dessa forma a trajetória dos projetos baseados nos ODS também deveriam estar alinhados a esses. Assim, foi construída uma metodologia que pudesse ser atrativa aos jovens, de forma que os engajassem na proposta, que incentivasse a criatividade dos mesmos, que valorizasse o valor do coletivo e da construção em grupo e que os encorajassem a serem protagonistas das intervenções sociais.

A construção de um método envolve planejar formas de caminhar rumo a um objetivo. Como os caminhos que serão percorridos são incertos em sua essência, visto que não há um controle e uma certeza absoluta sobre as coisas e a vida, é de suma importância que esse planejamento do caminho seja flexível e adaptável, ainda mais se tratando de um projeto de intervenção social e educação. Considerando o contexto, construímos uma metodologia inspirada na cartografia, como aponta Fernandes (2019):

¹²Fonte: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods>. Acesso em: 27/05/2020.

¹³ Tecnologia ViraVida - componentes: Articulação e Mobilização; Inserção e Acolhimento; Processo Socioeducativo; Inserção Produtiva. SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, Conselho Nacional. Tecnologia Social ViraVida. SESI-CN: Brasília, 2014.

O conceito de cartografia criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em 1980, na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* tem inspiração na geografia e está relacionada com uma visão de mundo pautada na diversidade, na crítica a uma visão binária da realidade, visto que compreende o mundo enquanto um movimento constante e múltiplo de criação, significação e transformação (DELEUZE; GUATTARI, 2011; KASTRUP; PASSOS, 2013; COSTA, 2014; PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2014). (p.16)

A cartografia possibilita realizar esse movimento constante de localização social e a valorizar a construção de conhecimentos a partir de diferentes histórias, visões e afetações que ocorrerão durante a processualidade (FERNANDES, 2019) da pesquisa-intervenção. Nesse sentido, a trajetória de discussões em grupo e idas ao campo iriam promover importantes atravessamentos e indagações nos jovens e na equipe, visto que pesquisar significa produzir mundos a partir da interação com o campo pesquisado (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2014).

Como serei afetado pelas questões de desigualdade social presentes nos ODS? Como vivencio as questões relacionadas às desigualdades de gênero do meu território? Quais redes existentes no meu entorno que posso acionar ou colaborar? O que posso fazer enquanto cidadão para minimizar os efeitos do lixo em um dia de chuva forte? Como mobilizar outros atores para transformar o mundo em que vivemos? Considerando este percurso, é valiosa a compreensão, para além do ponto de chegada, da caminhada em si ser permeada de experiências e aprendizagens, uma processualidade que é tão valiosa e empolgante, quanto o resultado final. Assim, a partir de uma visão de mundo:

(...) na qual a realidade não está dada ou acabada, mas sim sendo atravessada por múltiplos agenciamentos, a cartografia se configura como uma pragmática e uma atitude de pesquisa que visa acompanhar a processualidade e o movimento do campo pesquisado, ao invés de realizar uma representação do objeto, já que compreende que não há uma verdade ou essência a ser desvelada (FERNANDES, 2019, p. 16)

Nós nos encontrávamos no território da Rocinha¹⁴, trabalhando junto com cem jovens, oriundos também dos territórios do entorno, durante todos os dias úteis da semana, sobre os impactos dos 17 ODS na nossa realidade. Ressaltando realidade em diferentes âmbitos, por exemplo, como propõe o ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis - discutimos sobre a importância de como tornar as

¹⁴ Rocinha é uma favela localizada na Zona Sul, entre os bairros de São Conrado e Gávea, na Cidade do Rio de Janeiro, a maior favela do Brasil em densidade demográfica, onde moram 73% dos nossos alunos. Também é na Rocinha que estão nossas salas de aula, onde o Programa está instalado, num prédio de Políticas Públicas da Prefeitura Municipal, o Centro Municipal de Cidadania Rinaldo de Lamare.

idades e os assentamentos humanos inclusivos e seguros, considerando que esse é um desafio que está presente no mundo, mas, principalmente, sendo uma questão vivenciada no Brasil, não enquanto país, mas como experiência de vida.

Neste caso, entendendo a questão de ter uma habitação com mais qualidade e segurança, a partir de um olhar interseccional, ou seja, localizando a experiência a partir dos marcadores sociais que atravessam as vivências de todos. Como pensar o território de favela sendo um brasileiro-jovem-morador de favela, em uma perspectiva não matemática, de somatório de identidades, mas entendendo “(...) quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos (...)” (AKOTIRENE, 2018, p.39). As discussões incluíram um processo de tomada de consciência dos marcadores sociais que nos atravessam e das nossas vivências, e como elas carregam em si um potencial político de mudança. Como aponta Fernandes (2019):

Dialogar sobre o território possui uma importância política e de resistência frente aos preconceitos e estereótipos ligados à favela, que limitam a diversidade e as potencialidades desses lugares e das pessoas que residem nesses espaços, produzindo imagens homogêneas, estigmatizadas e contribuindo na manutenção de estruturas sociais desiguais, sendo imprescindível o conhecimento e vivências dos jovens nesse processo (p. 25).

Estávamos nós, equipe e jovens, fazendo um exercício complexo e crítico de pensamento sobre as principais questões que afetam o mundo, mas que também atravessam o nosso cotidiano e experiências de vida. Essas vivências e diálogos propiciaram “um espaço para que o” grupo pudesse se colocar de forma polifônica, na qual outras versões da realidade pudessem aparecer e também serem construídas, para além dos estereótipos criados e reforçados, de forma a potencializar os saberes (...) (FERNANDES, 2019, p.26), esse processo exemplifica a construção de um plano comum, importante conceito da cartografia, na qual equipe técnica e jovens coparticiparam, para além de pontos de vista próprios ou particulares, e sim com foco na qualidade da comunicação e na transversalização do grupo (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014).

Para o projeto dos ODSs, considerando os valores do programa, o perfil dos jovens, o cronograma e o contexto de trabalho, desenvolvemos uma metodologia composta por cinco etapas flexíveis e não necessariamente lineares: Afetação; Observação; Planejamento da Ação; Ação; e Experiência.

Imagem dois (2): Infográfico da Metodologia



O tema específico de cada projeto criado pelos jovens foi norteado pelo desejo e afinidade de interesse. Os projetos foram desenvolvidos em dez meses, conforme o infográfico da trajetória pedagógica abaixo, a partir de discussões e pesquisas em grupo, com a nossa mediação e orientação enquanto equipe técnica.

Imagem três (3): Infográfico da Trajetória pedagógica



3.1 Afetação

A afetação é uma etapa que objetiva a sensibilização para temática e ampliação de repertório do jovem. O incentivo ao protagonismo inicia-se logo no processo seletivo para novas turmas do programa, na qual entram cem novos jovens, denominado processo de inserção, no qual é adotado um paradigma específico pautado em uma seleção-intervenção quando os mesmos são sensibilizados e motivados a participarem de forma espontânea para exposição dos seus pensamentos e ideias. O jovem é estimulado a não estar somente como um candidato, mas também como produtor de conhecimento.

O ViraVida, diante dessa realidade, vem construindo ao longo dos anos¹⁵, com os jovens participantes, propósitos norteadores para ações que incentivem o protagonismo juvenil, encontrando objetivos e significados para a aprendizagem e reflexões acerca do exercício da cidadania. Martins (2015, p.78) defende que é justamente na incerteza e na imprevisibilidade que se descobre um universo de possibilidades apenas visto por aqueles que têm olhos para ver.

Em 2019, a temática do processo de [inserção](#)¹⁶ foram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como estratégia para sensibilização de 450 jovens para este conteúdo, tal com já o envolvimento dos cem candidatos que iriam ser selecionados na primeira etapa da metodologia. Planejamos, organizamos e construímos materiais didáticos acessíveis e que despertassem o interesse dos jovens, através de dinâmicas de grupo.

[Ao pensarmos nos aspectos metodológicos que a Pedagogia Social nos possibilita, enfatizamos a fala da Profa. Maria Stela Graciani \(2014 p. 38\) que corrobora com nossas ações, quando diz que o fazer educativo deve ocorrer num](#)

¹⁵ Em anos anteriores foram realizados dois seminários estaduais de protagonismo juvenil do ViraVida, também promovendo ações de intervenção nos territórios de moradia dos jovens, a partir de pesquisa e estudo de pesquisa-ação, empreendedorismo social e cidadania ativa. Em 2017 foi realizado o projeto “O meu lugar”, que novamente apostava no protagonismo juvenil. O projeto é estudado na pesquisa de Fernandes (2019).

¹⁶ [Vanzo & Rocha \(2011\) defendem instituições embasadas na pedagogia social, e elencam características das atuações de profissionais orientados por tal vertente que justificam sua filiação prática na pedagogia social. Percebemos paralelos com as características elencadas e a forma como trabalhamos no ViraVida, pois realizamos um processo de inserção dos jovens não enquanto uma seleção, norteadada pela exclusão, mas orientada pela busca da potencialidade e que os próprios jovens percebam o quanto estão preparados e dispostos a fazer parte das atividades do programa. É a motivação o veículo fundamental de sua inserção enquanto nosso aluno. Os demais participantes do processo de inserção que porventura não entrem nas vagas oferecidas são cuidadosamente encaminhados para outros projetos, como o portal do Futuro do SENAC, que divide nosso mesmo espaço físico.](#)

espaço de ação, reflexão e debate dos principais desafios e dificuldades, concatenados com a pluralidade dos acontecimentos cotidianos, possibilitando que contextualize com sua realidade, problematizando-a. Citando ainda que: nessas relações, o educando afirma-se na construção da sua autoestima, autovalorização e autoconfiança, como um feixe de potencialidades abertas para o futuro e na luta por uma cidadania plena. Os jovens vivenciam e participam da construção de uma prática significativa em num processo que permite a geração de conhecimento e aprendizagem, buscando favorecer a construção dos saberes, mesmo antes do ViraVida começar suas atividades. Ou seja, já neste momento de inserção os participantes experimentam elementos e técnicas de fortalecimento de autoestima e desenvolvimento humano que são nossos pilares.

Antes da dinâmica de apresentação, exibimos um vídeo curto de sensibilização, sobre a importância de intervir e participar das ações que ocorrem nos territórios, utilizando como base os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Em seguida realizamos a dinâmica de “quebra-gelo”, como o nome já diz, uma atividade para os jovens ficarem mais à vontade e comecem a estabelecer uma relação de confiança com o grupo. Foram utilizadas palavras-chave ligadas à cidadania e direitos para construção de histórias coletivas.

Num segundo momento, foi apresentada a dinâmica dos ODS dividida em duas etapas: a) Discussão em grupo sobre a ODS sorteada, culminando em uma situação-problema a ser pensada por outro grupo; b) cada grupo sortear um situações-problemas que seria disparadora para reflexão sobre um segundo ODS. As soluções pensadas foram apresentadas ao grande grupo dentro de diferentes formatos de expressão.

Imagem quatro (4): Materiais de apoio das ODS



Após a última fase de entrevistas, foram indicados os 100 jovens participantes do ViraVida 2019.

Ao iniciarmos com as turmas, após o período de acolhimento, apresentamos como seria o projeto com as ODS e como ele seria trabalhado durante todos os meses. Retomamos a experiência que tiveram na etapa de inserção com os ODSs e utilizamos disparadores audiovisuais relacionados ao protagonismo juvenil e empreendedorismo social. Como pontua Maria Stela Santos Graciani (2014) ao escrever sobre a prática da Pedagogia Social:

É preciso que o educador esteja atinado, no sentido de ver e perceber a aparência e a essência dos fenômenos sociais, para o feixe de novas emergências, exigências e modelos educativos, novos sujeitos sociais dos processos formativos/educativos e novas orientações político-culturais. (p.31).

No decorrer das atividades, apresentamos e discutimos coletivamente todos os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, discutindo tais questões de forma global e local, e estimulando a identificação com as causas que mais gerassem mobilização e interesse. Os jovens foram sensibilizados e perceberam que poderiam desenvolver projetos a partir dos ODS com várias ações e iniciativas.

3.2 Observação

Na etapa observação foram trabalhados os conhecimentos básicos sobre elaboração de projetos e estimulado um olhar de curiosidade e crítica em relação ao contexto que vivemos. Assim, antes de pensar que tipo de projeto implementar, foi necessário à formulação de um diagnóstico, objetivando o levantamento de informações sobre determinado público, território ou problema a ser resolvido. E como ressalta Lima (2012), a partir de uma perspectiva da psicologia clínica “O diagnóstico não é uma forma de predizer o futuro”. É uma atitude, uma atenção aberta ao desconhecido (p.52), o movimento de desnaturalizar a realidade não é tarefa simples. A complexidade dos problemas sociais geralmente exige vários olhares, maneiras de abordá-los e principalmente torna necessário a integração de saberes e experiências a fim de que alternativas de qualidade sejam pensadas.

Nos territórios em que vivem os jovens do Programa VIRAVIDA, comumente o que fica evidenciado é um oferecimento de atendimento às necessidades básicas de educação, saúde, assistência social, cultura e lazer, por vezes, deficitários, como as questões de infraestrutura nas escolas públicas, conflitos armados, vínculos

informais de emprego e condições insalubres de moradia. Ainda hoje temos observado que uma parcela significativa de pessoas e grupos sociais desses territórios não têm as suas necessidades básicas humanas atendidas pelo Estado. Mas o que fazer diante desse cenário?

É no âmbito territorial, não limitado somente à dimensão geográfica, mas estendido às relações simbólicas, históricas e sociais estabelecidas, que se consegue identificar de forma mais objetiva e clara as demandas mais urgentes, além dos diversos atores sociais envolvidos. Segundo Muller (2018 p.9), “o território é esse espaço-lugar potencial do acontecer solidário das trocas e da formação de sinergias para concretização de um modelo de desenvolvimento que faça sentido para as pessoas”.

Pensando justamente nesta troca de saberes e experiências, nosso primeiro desafio para pensar os projetos foi o de instrumentalizar os jovens por meio de consulta a bibliografias, vídeos, filmes, plataformas eletrônicas e discussões em sala de aula entre nós, equipe técnica, professores e jovens, buscando proposições inovadoras e para além de ações assistencialistas.

Estes instrumentos além de possibilitarem aos jovens, um novo olhar sobre seus territórios e colocá-los numa posição de agentes de transformação, também forneceu insumos relevantes para o plano de ação. O mapa elaborado a partir destes dados não se tratava de um documento fixo, pelo contrário, permitia sua formatação e a inclusão de novas observações que fossem surgindo ao longo do processo. No intuito de materializar as ideias, o conteúdo trabalhado contemplou as diversas etapas que constituem o processo de pensar um projeto, como mostra o esquema a seguir:

Imagem cinco (5): esquema sobre o ciclo de projetos:



Neste exercício, os grupos foram levados a discutir quais ações eram cabíveis dentro de cada uma das etapas descritas, tendo como base de análise, as ideias de projetos que tinham pensado até o momento. Após esse movimento inicial, cada grupo levou suas conclusões para o grupo maior, sendo possível aprofundar e ampliar as ações e visões acerca de cada etapa.

O objetivo de trabalhar o ciclo de projetos com os jovens foi o de nortear para as ações práticas, por meio da análise de cenário, que permitiu contemplar aspectos possíveis para a implementação desses projetos e sua execução.

Segundo Ranauro (2005):

Promover o desenvolvimento local e comunitário não depende apenas de implementar projetos e executar ações com base em metodologias pré-estabelecidas. Promover desenvolvimento requer ações que fortaleçam as relações sociais entre os atores ao mesmo tempo que se valorizam os potenciais criativos existentes. (RANAURO, 2005, p.28).

Nesta etapa, o que ficou muito evidente foi um sentimento de ansiedade por parte dos jovens, desejosos em colocar em prática as suas ações. Porém, a partir das discussões, muitas ideias puderam ser reformuladas e alguns objetivos rascunhados para as ações serem propostas.

3.3 Planejamento da Ação e sua Realização

A etapa de “planejamento da ação” tem o objetivo ressaltar a importância da organização para o bom desenvolvimento de um projeto, para o desenho dos caminhos a seguir, poder refletir sobre quais as melhores técnicas serão utilizadas para que se chegue aos objetivos almejados. A etapa “ação” caminha junto e em

diálogo, tendo em vista que a realidade é uma construção e o saber uma verdade provisória.

Em um projeto de intervenção social é fundamental entender a posição do não saber, do não ter domínio da realidade em questão. Podemos ter pressupostos e pré-conceitos, mas estes não são absolutos, e sim provisórios. Assim, no processo de construção com os jovens conversamos e vivenciamos esta situação. Exploramos a ideia da intervenção social como um processo duplo de contribuição e aprendizagem tanto para quem é o objetivo da ação, quanto para quem executa. Não podemos intervir em uma realidade com a suposição de que já sabemos sobre ela, e esse ponto é fundamental como reformulação de paradigma entende que ainda muitos projetos sociais ofertam serviços sem que estes estejam de fato adequados às demandas do território, reforçando um estereótipo de desinteresse, ao invés de um contexto de falta de demanda.

Um dos grupos que pensaram em realizar ações de reciclagem em uma ONG na Rocinha, ao conhecerem a realidade e atividades da instituição perceberam que a demanda era outras, como a necessidade de voluntários e de brinquedos para as crianças que frequentavam o local. Dessa forma, os jovens do ViraVida retomaram a etapa de planejamento da ação, para poderem construir novas possibilidades de intervenção adequadas à demanda da ONG em questão.

Outro ponto que torna também essas etapas flexíveis é a energia jovem para ação, um modo de fazer, por vezes mais acelerado e desejoso de colocar logo “a mão na massa”, neste sentido, fazíamos intervenções para a conscientização da importância do planejamento.

Dentro da etapa planejamento da ação foram realizados: divisão dos grupos, discussão sobre os temas, tempestade de ideias, viabilidade, esboço dos objetivos e trabalhos de cada grupo, definição dos projetos, organização e divisão de tarefas, levantamento de materiais e recursos necessários, agendamento de visitas e/ou reuniões, execução e apresentação dos projetos ao público.

Tais processos fazem parte do itinerário formativo do exercício da cidadania: viabilizamos que o jovem compreenda o mundo em que ele se insere, a dinâmica da sociedade e sua cultura, para que seja possível desenvolvermos consciência crítica, autonomia e encorajamento de que eles ocupassem o protagonismo da sua vida.

A Pedagogia Social exige não só uma competência técnica especial do educador, mas também a solidariedade humana e o compromisso político

com o educando, na medida em que remete sua prática social educativa ao resgate da cidadania plena, através de mecanismos e meios mediatizadores do ato político-pedagógico, numa práxis efetiva, contrapondo-se às condições reparadoras, compulsórias, compensatórias ou repressivas herdadas do passado. (GRACIANI, 2014, p. 27).

Para tanto, nós educadores precisamos entender e conhecer a realidade social, cultural e econômica dos nossos jovens educandos para mediarmos os processos de conhecimento, aprendizagem e educação emancipadora onde o educando sabendo agir, conviver, pensar, saber e ser no mundo atual, consiga lidar com os desafios e problemas encontrados pela vida.

Imagem seis (6): Logotipo dos projetos de intervenção dos jovens:



A seguir, uma breve síntese dos dez projetos desenvolvidos pelos jovens do Programa VIRAVIDA:

PROJETO	RESUMO
<p>MULHERES LUTANDO</p>	<p>O projeto tem como objetivo valorizar o empoderamento das mulheres em relação ao mercado de trabalho, ressaltando a luta por direitos e pela igualdade no trabalho. Foram realizadas duas ações principais: entrevistas com mulheres de perfis e histórias de vida diferentes; e a criação de uma página no Instagram com os depoimentos e postagens sobre os temas abordados.</p>

<p>CONSCIENTIZE-SE</p>	<p>O projeto tem como objetivo a conscientização sobre a utilização de itens que são descartados diariamente através de tutoriais, reportagens e dicas numa página no Instagram, colaborando para a redução dos impactos ambientais e do lixo.</p>
<p>DIVULGAÇÃO</p>	<p>Divulgar os serviços não é tarefa fácil quando não se tem tempo, dinheiro ou parcerias. A falta de oportunidades tende a excluir as pessoas moradoras de periferias e favelas do mercado de trabalho. O projeto Divulgação, com a sua página no Instagram, vem como uma alternativa que contribui para a divulgação de serviços, da Rocinha e Vidigal, valorizando o território, a economia local e incentivando o empreendedorismo.</p>
<p>ECOKIDS</p>	<p>Com o intuito de conscientizar o público infantil sobre a reutilização de materiais recicláveis, montamos brinquedos sustentáveis e fechamos parceria com uma creche municipal, a fim de que sejam realizadas oficinas lúdicas, estimulando a desenvoltura e criatividade de cada criança participante.</p>
<p>MACHO DE VIDRO. A construção da desconstrução.</p>	<p>O projeto tem como objetivo informar e conscientizar como a masculinidade frágil afeta os homens em diferentes âmbitos e contribui para a manutenção da desigualdade de gênero. Foi realizado um documentário com homens jovens, na qual foram discutidas questões como cuidado com a saúde, expressão de afeto e preconceitos.</p>
<p>JOVENS CUIDADOSOS</p>	<p>O projeto surgiu a partir da pesquisa sobre a saúde dos idosos e convivência, que enfrentam dificuldades físicas e que também há situações de falta de carinho e atenção. Diante disso, fizemos uma parceria com a Casa Naná, um serviço de convivência para idosos da prefeitura, e realizamos oficinas que exercitaram a memória, aprendizagem, troca de informações e valorização das histórias de vida.</p>

MENINX.S	O grupo busca apresentar questões sobre o corpo feminino e tabus. Nossa ação foi mobilizar a atenção de jovens através de postagens com resumos de assuntos sobre o corpo feminino e o empoderamento das mulheres. Decidimos atingir o nosso público alvo com uma página no Instagram, já que a Internet tem um grande alcance e atinge as pessoas de qualquer lugar.
JUNTOS SOMOS MAIS	O projeto teve como objetivo desenvolver jogos educativos a partir de materiais reciclados nas áreas de matemática, português e cidadania para as crianças de 8 a 12 anos, do projeto comunitário Tio Lino, na Rocinha. Os integrantes do grupo realizaram uma tarde de dinâmicas e brincadeiras para apresentação dos jogos construídos.
VIRA-RECICLAGEM	O projeto Vira-reciclagem aconteceu em parceria com a ESCOLA MUNICIPAL RINALDO DE LAMARE, na Rocinha e teve como ideia principal conscientizar as crianças sobre a importância da sustentabilidade como um estilo de vida, a partir de oficinas feitas na escola sobre a reutilização de materiais recicláveis.
PAPO DO BEM	Papó do Bem é um projeto que visa contribuir com a saúde mental e bem-estar das pessoas, considerando que a saúde mental e a qualidade das relações pessoais estão fragilizadas na nossa sociedade. Criamos uma página no Facebook para mostrar o quanto à vida social é importante e o quanto muitas pessoas adoecem por conta da falta de carinho e afeto. Também fizemos um vídeo sobre afeto e empatia, a partir de uma dinâmica realizada com as pessoas na rua.

3.5 EXPERIÊNCIA

A etapa da experiência tem como objetivo a valorização e reconhecimento do esforço, aprendizagem, emoções e sentimentos vivenciados no decorrer da trajetória de afetação, construção e desenvolvimento do projeto. Quais conhecimentos foram adquiridos? Quais conhecimentos foram refutados? Quais

foram ampliados? Que habilidades puderam ser desenvolvidas e ampliadas? E como todo o processo fomentou ou não desejos de mudança e participação social? Como essa trajetória atravessou o meu projeto de vida? Será que esse percurso alterou afetou de alguma forma os nossos valores pessoais? Afetou a forma que fazemos nossas escolhas de vida?

Essa trajetória estimulada pelos ODSs foi tecida por diferentes tempos: do conhecimento, da reflexão, do planejamento, da ação e o tempo de parar, respirar e sentir como foi finalizar essa jornada. Diante da construção do plano comum, todos foram afetados, equipe e jovens, imersos numa experiência coletiva de aprendizagem.

Com isso, foi possível a construção de projetos de intervenção, que superassem paradigmas assistencialistas, e que também ampliasse a noção de território e intervenção local, levanto a construção de ações também nas redes sociais. Discutir uma percepção do lugar de ação e cidadania nos permitiu vencermos juntos uma dificuldade em se ver nesse lugar diante de uma realidade que está posta para além da repetição de encontros que não geram potência de agir.

4. CONCLUSÃO

A história nos mostra que todo processo de transformação social é intenso, coletivo e colaborativo, e que sempre requereu a participação dos mais diversos atores sociais. E que todo resultado obtido através do engajamento é transformador, pois gera consciência, criticidade, envolvimento e principalmente, ações para mudança de realidades, seja através de políticas mais inclusivas ou impactando diretamente na qualidade de vida ou na forma de pensar e agir de pessoas e famílias.

É preciso que criemos em nós, uma cidadania “viva” e ativa, que não se limite somente ao processo eleitoral para escolha de nossos representantes. E a participação social é um elemento essencialmente importante na dinâmica de tomada de decisões. É o controle social que nos permite na prática participar de todas as etapas, desde a elaboração, passando pela implementação e fiscalização das políticas públicas. Constatamos também que a lógica capitalista é capaz de

produzir desigualdades e que para a garantia de um estado democrático de direito, balizados por justiça social e equidade, nosso engajamento é fundamental.

Dentre tantos aprendizados obtidos de toda a experiência vivenciada por jovens, professores e técnicos, a de que devemos assumir nossos lugares enquanto agentes de transformação se queremos uma sociedade mais justa e igualitária é primordial. No tempo em que passamos juntos, estabelecemos um espaço de troca de conhecimentos e saberes e no final, todos saíram ganhando. Foi desafiador, afinal em muitos momentos, ainda que desacreditados de nosso potencial de ação, tivemos de nos desarmar para o diálogo, criando consensos e caminhando juntos a fim de que o objetivo fosse cumprido. Caminhar junto significou estar alinhado às várias causas levantadas e às várias ações de intervenção sugeridas, mas principalmente ao desejo de agir sobre uma realidade cruel que nos é imposta. Cabe ressaltar que nosso objetivo extrapolou o mero desafio de trabalhar os ODSs.

O trabalho foi intenso e duradouro e a experiência, por vezes, exaustiva. Queríamos resultados grandes, mas o caminhar nos fez perceber que os avanços são progressivos e que tudo o que é grande se inicia através de pequenos passos. Observar jovens protagonizando tantas ações, tão engajados, criativos e comprometidos, apresentando seus trabalhos com brilhantismo, domínio e entusiasmo nos encheu de orgulho.

Este artigo pretendeu compartilhar os aprendizados, destacando os desafios que encontramos durante a nossa trajetória no trabalho com os ODSs, mas que de alguma forma potencializaram os esforços para o alcance dos resultados. Esperamos através dele, inspirar pessoas e principalmente, práticas e ações inovadoras de transformação social.

Consideramos que compartilhar essa experiência também contribuirá para que redes de solidariedade e engajamento sejam iniciadas e exerçam o seu potencial de transformação. Certamente saímos dessa experiência transformados.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é Interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária: Passo a Passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

_____. **Resgate da Autoestima: Passo a Passo** no ViraVida. Brasília: Conselho Nacional do SESI, 2014.

BRASIL. **Decreto Nº 34.773, de 30 de outubro de 2013**. Institui o Programa Vira Vida - DF e dá outras providências, Brasília, DF, mar 2013.

BRASIL. Artigo 5º e 6º. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Participação social - uma evolução da democracia em benefícios de todos. Brasília, n.13. jun. 2008. Disponível em <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/bolsa_familia/informe_controle_social/Informe%2013.pdf> Acesso em 20/05/2020.

CIEDS. **Mobilização Comunitária**: perspectivas na construção de ações efetivas para o investimento social privado e incidência em políticas públicas. Documento interno de sistematização de experiências. Rio de Janeiro: CIEDS, 2007.

CIEDS. **Mobilização social e ação coletiva**: aprendizagens para a promoção do Engajamento Cívico e Comunitário. Documento interno de sistematização de experiências. Rio de Janeiro: CIEDS, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERNANDES, Luana Almeida de Carvalho. **Meu Lugar**: Potencialidades e resistências na relação dos jovens moradores da Rocinha com o seu Território. 2019. 141f. Dissertação de Mestrado (Políticas Públicas). Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos. Rio de Janeiro: URFJ, 2019.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

IPEA. **Plataforma Agenda 2030**. Disponível em <<http://www.agenda2030.org.br/>> Acesso em 20/05/2020.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Revista de psicologia**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. Disponível em:

LIMA, Fernanda Ratto. **A experiência do cuidado de si: a clínica entre o cuidado do tempo e o tempo do cuidado.** Niterói: Editora da UFF, 2012.

MARTINS, Margareth. **Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras.** São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2015.

MENEGHETTI, Diego. O que foi a Eco-92? In: **Revista Superinteressante.** Atualizado em jul. 2018, Publicado em 31 jul. 2012. Brasil. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-eco-92/>> Acesso em: 20/05/2020.

MESQUITA, Marcos Ribeiro et al. Juventudes e Participação: Compreensão de Política, Valores e Práticas Sociais. **Psicol. Soc.**, BH, v. 28, n. 2, p. 288-297, ago.2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000200288&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29/01/2019.

MULLER, Fábio. O Território Como Pilar do Desenvolvimento Integral. In: **TECENDO REDES, TECENDO AMANHÃS.** Relato de Experiências e Resultados do Projeto Rede de Territórios Educativos. Rio de Janeiro: CIEDS, 2018.

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável** - 17 objetivos para transformar o mundo. Brasil. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>> Acesso em: 20/05/2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓZIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

RANAURO, Márcio Lima. Eles falam a nossa língua. **A experiência do CIEDS em Desenvolvimento Local e Comunitário.** In: Revista CIEDS. Rio de Janeiro: CIEDS, 2005.

SANTOS, Luana Isabelle Cabral dos et al. Juventude e violência: trajetórias de vida e políticas públicas. **Estud. pesq. Psicol.** RJ , v. 12, n. 2, agosto, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pidS180842812012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29/01/2019.

SANTOS, Diego da Silva. **Uma Travesti pode ser advogada?** O sistema educacional e o desafio da permanência na escola de travestis e transexuais jovens moradoras da Rocinha, RJ. 2019. 185 f. Dissertação de Mestrado (Políticas Públicas). Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, Conselho Nacional. **Tecnologia Social ViraVida**. Componente 1 – Articulação e Mobilização. SESI-CN: Brasília, 2014.

_____. **Tecnologia Social ViraVida**. Componente 2 – Inserção e Acolhimento. SESI-CN: Brasília, 2014. 55p.

_____. **Tecnologia Social ViraVida**. Componente 3 – Processo Socioeducativo. SESI-CN: Brasília, 2014. 67p.

_____. **Tecnologia Social ViraVida**. Componente 4 – Inserção Produtiva. SESI-CN: Brasília, 2014. 47p.

SILVA, Aida; TAVARES, Celma. A cidadania ativa e sua relação com a educação em direitos humanos. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, p. 13-24, 2011.

VANZO, Claudia R. Z.; ROCHA, Maria F. J. A presença do psicólogo educador social em um Programa de Medidas socioeducativas em meio Aberto. Em: MONTEIRO, Sulei. A. I. et al. **Educações na contemporaneidade: reflexão e pesquisa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.